

Incor suspende transplante por falta de doador

Instituto não faz esse tipo de cirurgia, que também vem diminuindo em todo o Estado, há dois meses; pacientes esperam a doação de um órgão há quase um ano na fila

MARIA LÍGIA PAGENOTTO

Por falta de doadores de órgão, há mais de dois meses o Instituto do Coração (Incor) está sem realizar transplantes. O Incor é considerado o maior centro de transplantes da América Latina. Em todo o Estado de São Paulo é flagrante a queda no número de transplantes de órgãos diversos, pelo mesmo motivo. Segundo dados da Secretaria Estadual de Saúde, em 1994, foram realizados 70 transplantes de coração. No ano passado, esse número não ultrapassou 48.

De acordo com o cirurgião Alfredo Fiorelli, coordenador da Central de Transplantes da Secretaria da Saúde, há pacientes que há anos aguardam por um órgão na fila de espera. "Faltam doadores porque as pessoas não estão conscientes da necessidade de doar um órgão", diz o médico. A desinformação é outro entrave: a maior parte das pessoas não sabe como ser doadora. Fiorelli diz que as pessoas só se sensibilizam diante de uma campanha. "É como a campanha do agasalho", compara.

A doação, de acordo com Fiorelli, esbarra principalmente em dois problemas: se a pessoa não manifestar em vida o interesse em doar, a

família reluta muito mais em aceitar a retirada dos órgãos; outro ponto, os hospitais que recebem pessoas politraumatizadas não estão preparados para preservar o órgão do paciente se ele morrer.

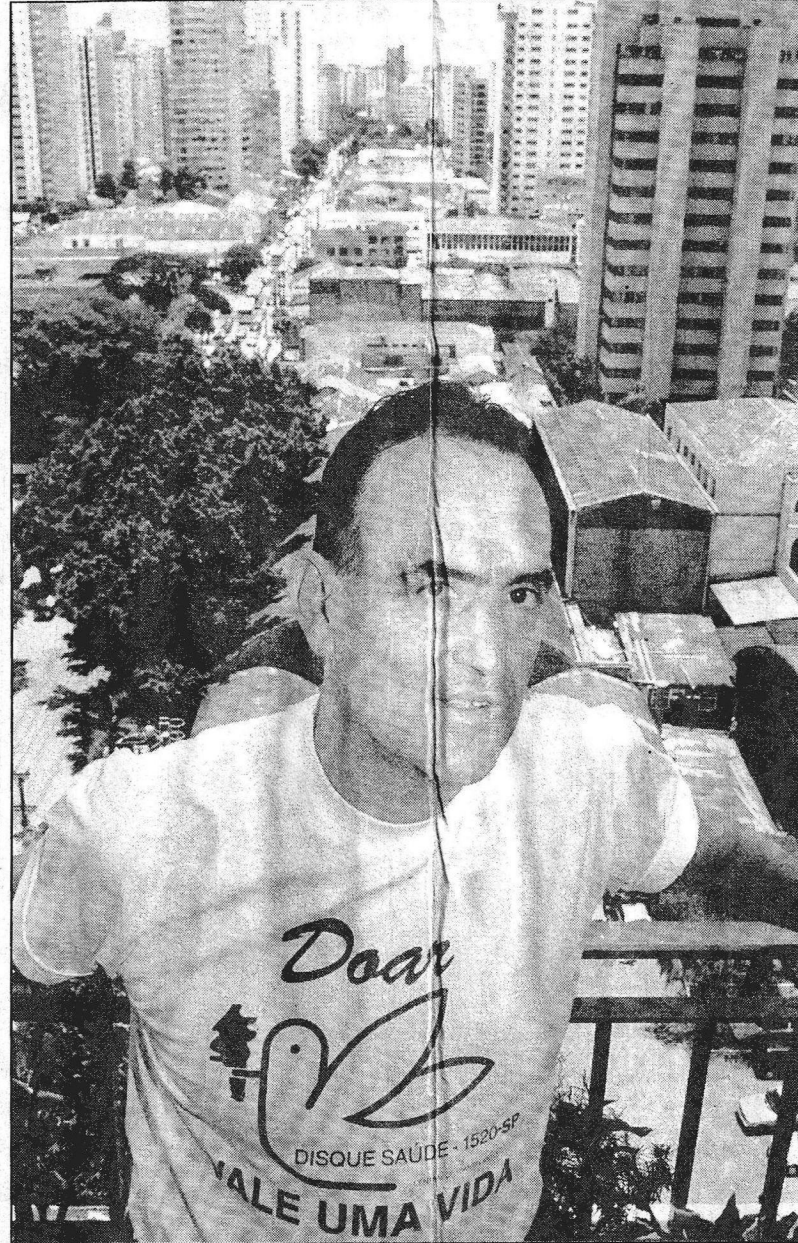
A grande parte das pessoas, ainda segundo o cirurgião, não entende o que é a morte cerebral. Quando diagnosticada, o coração do paciente, até então mantido à custa de aparelhos, continua a bater, mas, em aproximadamente 24 horas, os

batimentos cessam. Os órgãos têm de ser retirados antes desse prazo. Estima-se que, hoje, em São Paulo, para cada quatro receptores necessitando de transplante, apenas um receberá o órgão a tempo.

PARA CADA 4
PACIENTES, SÓ
1 RECEBE
CORAÇÃO

O publicitário Márcio Henrique Martins, de 45 anos, pai de quatro filhos, está há três anos sem trabalhar por conta de um problema cardíaco. "Já fiz três cirurgias, mas só vou voltar a ter uma vida normal depois que fizer um transplante", conta. "Minha vida é uma tevê em preto e branco, perdeu a cor porque há uma série de coisas que não posso fazer por causa do coração." Há três anos ele espera por um órgão.

■ **Mais informações sobre transplantes:**
(011) 64-1649 ou 64-1520.



Martins espera um doador: 'Vida normal só depois do transplante'